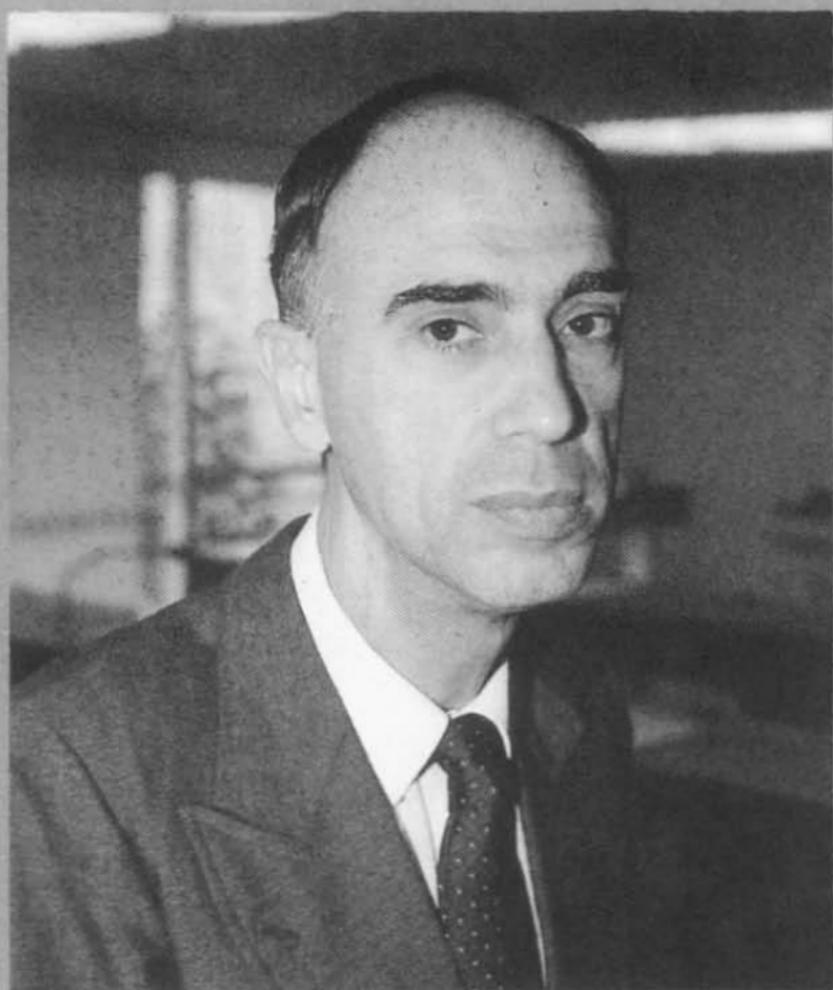


# A IDÉIA LIBERAL E O BRASIL



**MARCO  
MACIEL**

1994



## **A idéia liberal e o Brasil**

**"O sopro liberal que perpassa o mundo já se reflete em nosso País".**

O liberalismo é uma idéia antiga, porém em constante processo de renovação. Pelo fato de se basear em fundamentos oriundos do iluminismo a proposta liberal vem impregnada de forte conteúdo humanístico. Três revoluções – a inglesa de 1688, a americana de 1776 e a francesa de 1789 – foram decisivas para o destino do humanismo e desenvolvimento do liberalismo.

No Brasil, esses princípios chegaram após percorrer o mundo. Não obstante as importantes reformas procedidas na época do Império pelo Partido Conservador (dilatando o universo eleitoral e percorrendo etapas do abolicionismo) eram, na verdade, os liberais, através de sua representação partidária, que empolgavam essas bandeiras, defendendo-as e antecipando tais movimentos. Joaquim Nabuco, no fim do Império, e Rui Barbosa, no início da República, são, por exemplo, liberais históricos que se lançaram a essas lutas.

O liberalismo serviu de inspiração ao desenvolvimento do ideal democrático, pois contribuiu para consolidar a democracia de representação, como agora inspira a democracia de participação, buscando assegurar, ao lado dessa conquista, a igualdade de oportunidades. Hoje esse ideário político, centrado na conquista e no alargamento das franquias individuais, busca, extrapolando a proteção meramente jurídica do cidadão, estendê-la a outras formas de garantias igualmente fundamentais para a humanidade, notadamente no campo social e econômico.

Esta doutrina, contudo, não se alicerça no Estado para lançar os seus objetivos. Antes, acredita na capacidade do indivíduo de criar, de empreender e no poder da sociedade de transformar a si mesma, colocando o Estado a seu serviço, fazendo-o instrumento de suas aspirações, pondo-o sob permanente controle. Com o objetivo de transformar as instituições que modela, incluindo o próprio Estado, o liberalismo consiste numa proposta dinâmica, em permanente movimento. Nela a concepção de poder é neutra, como são neutros os instrumentos de poder. Eles podem ser bem ou mal aplicados, eficientes no uso ou ineficazes nos resultados.

É também por essência o liberalismo contra o monopolitismo do poder. Reparte-o não para enfraquecê-lo mas para, distribuindo-o, democratizá-lo, fazê-lo participativo. A distribuição se deve efetuar pela mobilização de todos, em todos os níveis, pois o poder tem que ser distribuído a partir da pequena comunidade, das associações, antes mesmo dos municípios.

Na época contemporânea, em que se acentuam as desigualdades sociais, cresce a influência do Estado, oprimem-se as minorias e surgem novas formas de dominação econômica que impedem o desenvolvimento, o liberalismo adquire força e sentido em sua ação inovadora. No campo político, como se sabe, o liberalismo pugna pela generalização da democracia liberal, buscando novas formas de participação. Sua ação decisiva, no entanto, concentra-se na busca de formas eficientes para assegurar, juridicamente, os direitos sociais do cidadão, protegendo-o contra a excessiva interferência do Estado, que tolhe os direitos individuais, cerceia a liberdade e retira da sociedade o controle sobre ele. Na medida em que reduz os limites de intervenção e regulamentações estatais, a proposta liberal é a que melhor convém ao indivíduo.

A propósito, é bom lembrar, como o fez Norberto Bobbio, que "enquanto a antítese do Estado absoluto é o Estado democrático, a antítese do Estado liberal é o Es-

tado paternalista, que toma conta de seus súditos como se fossem eternos menores de idade".

No permanente conflito entre as ambigüidades das soluções tradicionais, os liberais entendem ser dever usar os instrumentos do poder para transformá-lo no que ele tem de arcaico e ineficiente. Os liberais também consideram que a ação política é um processo que se destina a operar as transformações que a sociedade reclama no sentido de que o conflito entre as classes não se consolide na radicalização ideológica.

Colonizado no início da modernidade mundial, a partir do Renascimento, o Brasil recebeu de Portugal heranças medievais há muito superadas na Europa. Para nosso País foi transferido um governo antes que se constituísse uma nação. Raimundo Faoro, no livro "Os donos do poder", apontou o patrimonialismo, o corporativismo e o cartorialismo – importados de Portugal – como instrumentos que produziram uma excessiva dependência da sociedade em relação ao Estado. Explica-se por isso não dispor a sociedade da almejada energia própria que tanto persegue.

O sopro liberal que perpassa o mundo já se reflete, no entanto, em nosso país, uma vez que o Brasil também tem sua alma e uma história libertária, apesar do gigantismo precoce, que o Estado sempre exerceu, de forma avassaladora, sobre o cidadão e a sociedade. Essa aspiração liberal, que se converte em consciência cívica, se dissemina na medida em que o País se urbaniza e também por conta da crescente complexidade que assume o seu processo de desenvolvimento.

Impõe-se, contudo, que o moderno liberalismo não se reduza a um mero apelo retórico: há que convertê-lo em mobilização política, porque este é o processo pelo qual as idéias se consolidam em ideal e se transformam em realidade.





**M**arco Maciel é advogado, formado pela tradicional Faculdade de Direito do Recife.

Presidiu o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Pernambuco e a União dos Estudantes de Pernambuco.

Professor de Direito Internacional Público, tem ministrado aulas em diversas escolas de ensino superior do País. Fez curso de extensão sobre instituições americanas em Harvard.

Secretário de Estado de Pernambuco, Deputado Estadual e Líder do Governo na Assembléia Legislativa.

Deputado Federal em dois mandatos. Presidiu a Câmara dos Deputados.

Governador do Estado de Pernambuco.

Senador em dois mandatos. Ministro de Estado da Educação e do Gabinete Civil da Presidência da República.

É Líder do Partido da Frente Liberal no Senado Federal.